

João Pessoa - Número Quatro - Agosto de 2002

A Cultura como condição existencial [1]

Giuliana Cavalcanti Vasconcelos

Pedagoga. Especialista em Educação Infantil.
Membro do Grupo de Pesquisa "Multiculturalismo, Educação e
Tecnologias da Informação e Comunicação"
e do "Projeto de Concepção e Implantação da
Biblioteca Digital Paulo Freire".
Universidade Federal da Paraíba
(Campus I - João Pessoa)

A princípio, mesmo reconhecendo a autoridade intelectual de Álvaro Vieira Pinto, sinto a necessidade de comentar um pouco sobre a sua biografia nessa leitura, tendo em vista o fato de que nos últimos anos suas contribuições estavam e "estão ainda", um pouco esquecidas pelos acadêmicos nacionais.

Pinto (1909-1987) formou-se em medicina e por 16 anos trabalhou como médico, não clínico, mas laboratorista, atuando a maior parte do tempo no Rio de Janeiro. Católico, em 1934 matriculou-se na Ação Integralista Brasileira (AIB), a exemplo de alguns de seus companheiros (Alberto Guerreiro Ramos e Roland Corbisier, talvez tenham sido os mais importantes).

Nesse mesmo ano, Pinto fez sua conversão para o domínio das humanidades, sendo nomeado professor da cadeira de História da Filosofia na Faculdade Nacional de Filosofia no Rio de Janeiro, indicado por Alceu Amoroso Lima. Em 1949 Pinto foi estudar na Sorbonne, escreveu sua tese sobre a Cosmologia de Platão, após quase um ano retornou ao Brasil e foi aprovado e nomeado para a Faculdade de Filosofia.

Roland Corbisier, o convidou para o Departamento de Filosofia do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), criado pelo presidente Café Filho em 1955, sendo uma decorrência natural do Instituto Brasileiro de Economia, Sociologia e Política (IBESP), ambos órgãos governamentais.

Pinto ficou no ISEB até 13 de abril de 1964, quando a instituição foi extinta por decreto que continha a assinatura de Ranieri Mazzili. Foi lá que ele conheceu a secretária Dona Maria, posteriormente sua esposa, que de modo cúmplice datilografava seus manuscritos.

Ao apreciar algumas informações sobre sua vida, coletei em relatos escritos de Saviani que Pinto havia desempenhado importante papel na mobilização política e social na década de 60, o que provocou o seu exílio em decorrência do golpe militar de 1964.

É importante ressaltar que Paulo Freire o apreciava favoravelmente, chamando-o de "mestre brasileiro", destacando a importância de seus estudos em diversas passagens de "Educação como prática da liberdade".

Ao partir para o exílio em setembro de 1964, Pinto passou um ano na Iugoslávia, depois transferiu-se para o Chile, onde produziu muitos trabalhos, como **Ciência e existência** (publicado no Brasil em 1969) e **Sete lições sobre educação de jovens e adultos** (publicado no Brasil em 1982).

Sua volta à pátria, por motivo de saudades, deu-se no final de 1968 (considerado o período mais tenebroso da ditadura militar porque desabava no Brasil o Ato

Institucional - 5). No retorno, Pinto se recolheu em seu apartamento e se pôs a escrever manuscritos. Revela Saviani na introdução de **Sete lições sobre educação de jovens e adultos** que sentiu-se impressionado com a determinação e dedicação de Pinto a um trabalho intelectual anônimo, solitário e sistemático, o qual vários volumes já encontravam-se prontos de forma manuscrita em 1982.

Em 1981, ele regularizou a sua situação no Brasil através da anistia, como também, aposentou-se pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ (a Faculdade Nacional de Filosofia já fora absorvida pela UFRJ).

Exímio violinista, poliglota e matemático, Pinto teve seu pensamento e trajetória analisados por Marcos Cezar de Freitas a partir da reconstituição do clima e dos debates ocorridos nas décadas de 50 e 60.

Pinto sofreu numa expressão contínua de diversas derrotas nos campos teórico e político: perdeu ao defender uma sociedade em que o interesse público estivesse sobreposto quanto ao interesse privado; perdeu ao idealizar a escola pública e a universidade popular; perdeu ao discordar das hipóteses de revolução apresentadas por diversas tendências de esquerda nos anos 50 e 60. Parece-me que quase sempre foi derrotado quando teve seu pensamento reconstruído e analisado.

De acordo com Freitas (2000) educação, trabalho e terceiro mundo foram os temas que possibilitaram ao Pinto uma abordagem original sobre a cultura popular no Brasil.

Em “Teoria da cultura” Pinto ressalta um significado para a cultura que faz valer todos os positivos adjetivos a si já direcionados. Ele inicia contextualizando a ciência como um aspecto particular da realidade geral da cultura, defendendo que a autenticidade da gênese da ciência e da metodologia da pesquisa científica se dá a partir de princípios presentes na alma da cultura geral.

Pinto explica o significado da cultura como *"toda manifestação existencial do homem pelo processo de sua origem, de sua formação histórica, a partir das condições objetivas do ser que a produz, das necessidades e funções que possui e das relações com a natureza circunstante"* (1979: 121). Ele compreende a cultura como uma criação do homem, como o resultado constante da sua atuação e tratamento da natureza.

Pinto compara o ser humano com as demais espécies, inclusive as de complexidade orgânica relativamente elevada: enquanto as espécies animais se conservam através da cadeia alimentar de acordo com a proporção evolutiva do cosmos, o ser humano modifica a si mesmo e a natureza universal com intensidade através da ideação reflexiva, concebendo atos inéditos, jamais contemplados antes no passado da espécie. Intencionalmente e inconscientemente estes atos são acumulados na consciência coletiva (recolhidos, conservados e transmitidos).

Cultura e hominização se desenvolvem, simultaneamente, num mesmo processo, condicionando-se reciprocamente, passando do orgânico para o social: na medida em que o biológico do ser humano realiza-se, conjuntamente, surgem possibilidades da criação cultural de acordo com a fase evolutiva da espécie. Desta realização cultural-biológica resulta o aperfeiçoamento orgânico e o recolhimento cultural.

Para Pinto, o processo de hominização impõe a coletividade como razão de ser, iniciando-se a fase social da evolução humana e da criação cultural: o homem cria instrumentos e técnicas sem precedentes, instrumentaliza objetos que o cercam,

mas, apenas quando surge a ideação a serviço de finalidades subjetivadas pelo próprio homem.

"Cultura é, pois, o processo pelo qual o homem acumula as experiências que vai sendo capaz de realizar, discerne entre elas, fixa as de feito favorável e, como resultado da ação exercida, converte em idéias as imagens e lembranças, a princípio coladas às realidades sensíveis, e depois generalizadas, desse contato inventivo com o mundo natural." (Pinto, 1979:123)

Pinto destaca que aos poucos o mundo da cultura foi se diferenciando do mundo material ao tomar contornos determinados no pensamento humano através do processo de recolhimento, conservação e transmissão. O pensamento se compôs de duas ordens de realidades num mesmo processo: dominar o mundo (instrumentos naturais e artificiais) e autoproduzir-se (idéias). Daí, a cultura se desenvolveu até a sua superioridade como efeito da relação produtiva do homem sobre a natureza.

São duas intenções simultâneas que envolvem a continuidade da criação cultural: sustentar a vida individual e da prole (produção de bens e consumo indispensável) e perpetuar-se como espécie evolutiva (ideativa). A cultura como efeito do processo produtivo incorporou estas ordens e por força crescente da capacidade reflexiva as desenvolve. Sua representação tem manifestado-se de forma materializada e subjetivada como idéias gerais de eficácia produtiva.

Ao receber a transmissão cultural como prospecção necessária à produção, a cultura tornou-se um bem de consumo obrigatório das novas gerações e, também, um bem de produção, passou a ser percebida como um acervo de conhecimentos e instrumentos necessários para a ação coletiva.

Pinto com clareza e profundidade filosófica apresenta que tanto a cultura como bem de consumo e a cultura como bem de produção estão intrinsecamente ligadas. Ele ilustra que em sociedades com classes distintas e com interesses opostos, apenas um grupo minoritário tende a possuir a cultura como bem de produção (ideação), enquanto a maior parcela de atores apenas maneja os instrumentos e consome os bens materiais escassamente. Essa compreensão de Pinto remete-me ao significado de ideologia de Chauí:

"um corpo explicativo (representações) e prático (normas, regras, preceitos) de caráter prescritivo, normativo, regulador, cuja função é dar aos membros de uma sociedade dividida em classes uma explicação racional para as diferenças sociais, políticas e culturais, sem jamais atribuir tais diferenças à divisão da sociedade em classes, a partir das divisões na esfera da produção." (1994: 114)

Nesse eixo de compreensão, o instrumento de trabalho do operário tornou-se bem de consumo pela sua finalidade de realização do trabalho e tornou-se bem de produção para tirar resultados úteis (isto, para o próprio operário). A concepção de bem de produção e de bem de consumo tende a tomar significados condizentes com o acesso aos bens de produção de cada classe: o "culto" é quem domina e o dominado, o "inculto".

Pinto chama a atenção do pesquisador para um cuidado minucioso de não obter um pensamento ingênuo quanto ao conceito simplificador da cultura que convém de uma abordagem científica totalitária. Ele enfatiza que o pesquisador deve atentar para a dupla ordem de realidades da cultura – instrumentos e ideação – do ponto de vista epistemológico, não devendo confundir-se com um estado atual da cultura já munido de multivariações da inteligência humana e mutilado de sua complexidade.

O pesquisador deve buscar formular não uma concepção indutiva ou formalista como elemento contextualizador de sua pesquisa, deve realizar o objetivismo histórico da cultura em confronto com as entidades subjetivas sob cuidado ético e coerente, contemplando a produção de bens de consumo e a produção do próprio homem em decorrência da cultura que em cada época histórica adquiriu.

Para Pinto, a alienação surgiu como um elemento presente ao homem na sua relação com a cultura no espetáculo da divisão de classes. O homem precisa produzir a cultura por uma necessidade existencial, para se apropriar dela, mas, ao invés de evoluir isto, ele se alienou a ela, tornando-a superior a si próprio. Como resultado, a cultura se corrompe da sua essência e tornou-se abstrata, o homem "culto" passou a ser aquele que sustenta os valores culturais alheios ao processo de operacionalização instrumental.

Pinto afirma que o homem é ele próprio um bem de produção, mas, esclarece que ele deve ser um bem de produção para si próprio e não um instrumento que se converta em bem de produção do outro. No processo de humanização, a apropriação dos bens de consumo e de produção tomaram expressão existencial de acordo com o surgimento de classes resultantes das relações diferenciadas entre os homens.

Pinto apresenta uma problemática considerável para a sua teoria: ele questiona se a sua abrangência teórica dá suporte à diferenciação de classes sociais existente nas relações entre os homens. Na sua "Teoria da cultura" a raiz desta diferenciação está na dupla natureza da cultura, a instrumentalização e ideação.

A evolução multiplicativa de conhecimentos e grupos se acumulou gradativamente, conduzindo a diferenciações e criações especializadas de apropriação do acervo cultural (este fenômeno é considerado normal nessa teoria). A distribuição cultural é corrompida pela desigualdade de apropriação de conhecimentos e de bens, o que resulta na divergência entre os grupos sociais e na contraposição de uns aos outros.

"Por circunstâncias complexas, a que não são alheios as diferenciações nos fatores naturais do meio na capacidade física e intelectual dos indivíduos e os conflitos de finalidades estabelecidos entre eles, mas que têm como razão principal o modo de participação de cada homem no trabalho da produção social, chega-se à situação em que os bens culturais sofrem uma divisão." (Pinto, 1979: 128)

Os bens ideativos tendem a ficar em poder de grupos minoritários que põem a seu serviço os demais grupos da coletividade. A cultura deixa de ser um bem igualitário e a sua apropriação, nas duas ordens de realidade (bens de consumo e produção), passa a divergir entre os grupos de atores no processo evolutivo da humanidade.

Pinto, como um escultor, delinea o processo histórico que configura a cultura chegando ao seu ponto de cisão, à divisão do trabalho em intelectual e manual. O processo de apropriação da cultura como ideação dá lugar a dois fenômenos: enquanto os trabalhadores, ainda, manejam os instrumentos materiais e quase nada consomem da cultura que produzem, o grupo dominante passou a se preocupar em legitimar a sua apropriação da ideação, pois, a ordem de bens de consumo já lhe era exclusiva.

O segundo fenômeno se caracterizou pela apropriação do outro homem como bem de consumo (o poder subjetivo da apropriação do bem produtivo – as idéias). *"É a era que, historicamente, tem expressão mais crua no estatuto da escravidão, a qual não desaparece, e sim apenas se atenua"* (Pinto, 1979: 129).

O autor destaca uma consideração significativa e histórica para essa diferenciação: a cultura perde a sua unificação e se divide em duas ações contraditórias. É neste ponto que ocorre a iniciação da ciência, porém, a classe dominante passou a aproveitar-se disso para justificar o seu papel histórico, as teorias científicas passaram a ser um dos produtos específicos da classe.

A outra classe ficou então privada, através de mecanismos ideológicos, da possibilidade de investigar com fins científicos os instrumentos que manipulava ou operacionalizava. A classe superior se justificou como não ociosa, mas ocupada com a mais valiosa produção, a mental.

Os produtos nascidos da interação da classe trabalhadora com os instrumentos foram classificados pelo inconsciente coletivo, corrompido pela recusa e repressão dominante, como curiosidades pitorescas, divertidas e transitórias (o artesanato e folclore), enquanto a produção do grupo dominante se reveste de uma qualidade séria e erudita.

Como conseqüência dos fenômenos de legitimação ideativa e apropriação do outro como bem de consumo da classe dominante, manifestou-se a dissociação entre a prática do conhecimento e sua formulação teórica, condicionando a história da ciência até os dias atuais, estando presente na alma do inconsciente coletivo, embora, sua manifestação venha a ser tênue.

Aqueles que manipulam os instrumentos, inconscientemente, apresentam-se como produtores de bens consumo, como bem de consumo e como bem produtivo do outro, reforçados pelo poder ideológico concebido pelo grupo dominante através do discurso legitimado.

Pinto considera como marco de uma nova etapa da evolução humana o surgimento e implantação da ciência experimental a partir do Renascimento europeu, quando as lutas sociais utilizaram-se de engenhos mecânicos mais complexos como as grandes navegações, seguindo com o uso do vapor na Revolução industrial, garantindo às forças dominantes mecanismos e estratégias de expansão mundial.

A partir disso, a produção ideológica revestiu-se da intenção de pôr a seu serviço os conhecimentos inovadores concebidos pelo empirismo especializado do trabalhador. Foi criada uma forma atenuada de usar o outro como bem de consumo e produção.

"No próprio campo da cultura começam a estabelecer-se distinções valorativas, sendo diferenciados setores especializados, por exemplo à chamada 'cultura tecnológica', julgada, principalmente pelos sacerdotes do saber universitário, de categoria menor, e distribuída em graus variáveis aos técnicos e aos próprios operários." (Pinto, 1979: 134)

Pinto prevê em sua "Teoria da cultura" uma extinção das distinções de valor ligadas a situações de classe, um caminho de possibilidades para a reunificação valorativa da cultura acentuado pela diversificação das especialidades culturais:

"esta concepção funda-se no conceito dialético da contradição principal do ser humano, a que se trava entre o seu projeto de criar-se a si mesmo e a realidade objetiva que tem de utilizar para tal fim. Chegará o momento em que a ciência será unificada pela ação conjunta, não mais contraditória, do pensador teórico e o trabalhador prático." (1979: 135)

Assim, a cultura na sua dupla capacidade de ação e idéia pode revelar-se como mediadora da produção humana, passando a ser, simultaneamente, operação inteligente e ideação operatória, retomando-se no seu aspecto epistemológico e

fundamentando-se pela existência do homem como um vínculo unificador, mediador (capacidade que falta na construção animal) das duas ordens de realidades opostas, descartando a ingenuidade de que apenas a tradição cultural seria a concreção da realidade.

A cultura poderá aportar numa ação comunicativa como o âmago da existência humana, pois, *"a expansão da cultura é igualmente a expansão da sociedade, a ocupação cada vez mais extensa do espaço habitável, no qual se tornam reais as potencialidades de criação cultural de que o homem é capaz"* (Pinto, 1979: 136).

O homem com uma capacidade de conceber e combinar idéias e projetos pode dotar-se de uma consciência individual e coletiva, raiz da sua posição como animal culto. A cultura, como efeito da existência humana, pode passar a utilizá-la para atuar no mundo, fazer-se e conservar-se, sendo, simultaneamente, ação e idéia, enquanto ação significando a mediação entre duas idéias e enquanto idéia, a mediação entre duas ações.

Assim, idéia e ação, teoria e prática se desenvolveriam reciprocamente, uma servindo como fundamento para a finalidade da outra. Para Pinto, sem a mediação da ação, as idéias podem se constituir, insuficientemente numa complexidade lógica, que hoje encontra-se instituída sob estatuto científico de ciência da lógica.

Com originalidade Pinto discorre acerca da cultura desde a sua semente, passando teoricamente por todas as suas fases e chegando a predizer o seu futuro. Porém, vale mencionar a falta na sua abordagem, de um tratamento quanto à diferenciação social de gênero presente na cultura desde a sua origem e que na contemporaneidade tem se manifestado de forma conflitante e tempestuosa.

Considero a "Teoria da cultura" de Pinto como uma leitura básica necessária a todo pesquisador que proponha um estudo com fundamentos epistemológicos em confronto com uma análise teórica de uma realidade subjetivada pelo próprio pesquisador. **Bibliografia**

- CHAUI, Marilena. **O que é ideologia**. 37. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- FREITAS, Marcos Cezar de. **Álvaro Vieira Pinto: a personagem histórica e sua trama**. São Paulo: Cortez, 2000.
- PINTO, Álvaro Vieira. **Ciência e existência: problemas filosóficos da pesquisa científica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- _____ . **Sete lições sobre educação de jovens e adultos**. 4. edição. São Paulo: Cortez, 1986.

Nota

1) Para aprofundar os conceitos aqui tratados, ver Álvaro Vieira Pinto, "Teoria da cultura", sexto capítulo de **Ciência e existência** (1979: 119-138).

RESUMO A CULTURA COMO CONDIÇÃO EXISTENCIAL

Reconhecendo o caráter teórico de suma importância de Pinto e o seu esquecimento pelos acadêmicos nacionais, proponho um resgate de sua "Teoria da cultura", destacando a originalidade e criticidade que teoriza a gênese da cultura e sua continuidade: desde a germinação (instrumentos - idéias) às fases que seguem como a apropriação de bens de consumo e de produção sob a concepção existencial de cada classe, o ponto de cisão da cultura – a divisão do trabalho em manual e intelectual (dando consistência ideológica à divisão de classes), chegando à fase em que a cultura resgata a sua característica inicial através da necessidade existencial do próprio homem com tendência à unificação das duas ordens de realidades que a distorceram na história: o material do conhecimento (prática) e a idealização (teoria).

Palavras-Chave: Cultura; Sociedade.

ABSTRACT
CULTURE AS EXISTENTIAL CONDITION

Recognizing the theoretical character of highest importance of Pinto and its forgetfulness for the national academics, I propose a ransom of his "Theory of culture", the originality and criticism that it speculates the genesis of the culture and its continuity highlighting: from the germination (instruments - ideas) to the phases that proceed as the appropriation of consumption goods and of production under the existential conception of each class, the break point of the culture – the division of the work between manual and intellectual activities (giving ideological consistency to the division of classes), arriving to the phase in that the culture rescues its initial characteristic through the own man's existential need with tendency to the unification of the two orders of realities that you/they distorted it in the history: the material of the knowledge (practice) and the idealization (theory).

Keywords: Culture; Society.